

**NADEZHDA KRUPSKAIA: POR UMA EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA****NADEZHDA KRUPSKAIA: POR UNA EDUCACIÓN REVOLUCIONARIA****NADEZHDA KRUPSKAIA: FOR A REVOLUTIONARY EDUCATION**

Samantha Lodi-Corrêa<sup>1</sup>

**Resumo:** O centenário da Revolução Russa unido aos trabalhos que trazem à tona ações de mulheres revolucionárias permitiu que o nome de Nadezhda Krupskaja (1869-1939) fosse bem divulgado pelo Brasil no último ano. Este artigo tem por objetivo apresentar algumas propostas da revolucionária foi considerada a primeira pedagoga comunista, em seu projeto de educação do “novo homem”. Krupskaja debateu e agiu para uma formação *onmilateral* de crianças e jovens para a construção de uma sociedade sem classes, na qual os sujeitos fossem prioridade em detrimento do capital. Com autonomia de pensamento Krupskaja apresentou a escola livre enquanto espaço de educação revolucionária.

**Palavras-chave:** Nadezhda Krupskaja; Educação e revolução; História da educação.

**Resumen:** El centenario de la Revolución Rusa unido a las investigaciones que ponen de relieve las acciones de mujeres revolucionarias permitió que el nombre de Nadezhda Krupskaja (1869-1939) fuera bien divulgado por Brasil en el último año. Este trabajo tiene por objetivo presentar algunas propuestas de la revolucionaria fue considerada la primera pedagogía comunista, en su proyecto de educación del "nuevo hombre". Krupskaja debatió y actuó para una formación onmilateral de niños y jóvenes para la construcción de una sociedad sin clases, en la que los sujetos fueran prioridad en detrimento del capital.

Con autonomía de pensamiento Krupskaja presentó la escuela libre como espacio de educación revolucionaria.

**Palabras-clave:** Nadezhda Krupskaja; Educación y revolución; Historia de la educación.

**Abstract:** The centenary of the Russian Revolution together with the works that bring about the actions of revolutionary women allowed the name of Nadezhda Krupskaja (1869-1939) to be well disclosed in Brazil last year. This article aims to present some proposals of the revolutionary was considered the first communist pedagogue, in her project of education of the "new man." Krupskaja debated and acted for an *onmilateral* formation of children and young people for the construction of a society without classes, in which the subjects were priority to the detriment of the capital. With autonomy of thought Krupskaja presented the free school as a space of revolutionary education.

**Keywords:** Nadezhda Krupskaja; Education and revolution; History of education.

**Introdução**

O centenário da Revolução Russa, em 2017, unido aos trabalhos que trazem à tona ações de mulheres revolucionárias tornou mais conhecido o nome de Nadezhda Krupskaja (1869-1939) no Brasil. Trabalhos trouxeram textos inéditos em português, estudos foram publicados, diversos sites de movimentos populares e partidos de esquerda também falaram sobre Krupskaja e outros integrantes do processo revolucionário russo.

Por sua autonomia de pensamento, Krupskaja também foi apresentada como uma “estrela vermelha”, por sua luz própria, como todas as estrelas, e contribuição ao debate educacional socialista, em seu contexto histórico. Buscando na teoria de Marx, Engels e Lenin os subsídios necessários para pensar a

educação do “novo homem”, compreendido hoje como “novo sujeito”, trabalhador(a) em uma sociedade solidária e coletivista.

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas propostas da revolucionária que foi considerada a primeira pedagoga comunista, em seu projeto de educação do “novo homem”. Krupskaja debateu e agiu para uma formação *onmilateral* de crianças e jovens para a construção de uma sociedade sem classes, na qual os sujeitos fossem prioridade em detrimento do capital.

Krupskaja trabalhou com afinco para instrução da juventude trabalhadora, que deveria ter acesso a uma educação geral gratuita e obrigatória até os dezesseis anos, promover construção de bibliotecas, salas de leituras, projeção de filmes científicos e incentivou cursos de autocapacitação. Para esta nova concepção educacional coloca-se fundamental a criação de uma escola livre, construída coletivamente enquanto se edificava o socialismo. Em seus textos, além de uma proposta sem divisão de classes, há também a defesa dos mesmos direitos para homens e mulheres, ou meninos e meninas, como ela colocou em seus textos educacionais.

Deve-se ressaltar que a influência de Lenin pode ser notada no trabalho de Krupskaja. No sentido educacional, Krupskaja possuía uma prática, uma experiência, que Lenin não tinha: a de ser educadora, mas, teoricamente, ele influenciou toda a geração que fez a revolução acontecer, isso não seria diferente em Krupskaja.

Acredita-se ser importante conhecer teorias e práticas educacionais humanistas para repensar possibilidades educacionais para hoje, guardada as especificidades de cada contexto histórico, de cada país e suas realidades. No caso da educação socialista ou comunista a oposição ao capitalismo, que transforma tudo em mercadoria, ainda permite refletir sobre as questões ideológicas que a educação conjeta. Não há educação neutra, todo ato educativo traz consigo um posicionamento. Alguns deixam claro esta postura, como aconteceu com Krupskaja e outros tentam esconder seus reais interesses nos falso discurso da neutralidade.

### ***Quem foi Krupskaja?***

Nadezhda Konstantínovna Krupskaja<sup>2</sup> nasceu em São Petersburgo, em 26 de fevereiro de 1869<sup>3</sup>. Aos quatorze anos iniciou seu trabalho como professora, em 1883, para completar a pensão recebida após o falecimento de seu pai e a baixa remuneração de sua mãe. Poucos anos depois, começou a ministrar aulas, como voluntária, em uma escola dominical para operários.

Através do contato com os trabalhadores é que Krupskaja conheceu a obra de Karl Marx e a afinidade foi imediata, pois via nele a capacidade de análise social do mundo real ao considerar os diversos aspectos da sociedade para a compreensão do exploratório sistema capitalista. Foi assim que se convenceu de que o marxismo era um guia seguro para ação efetiva que levaria a transformação social.

Em setembro de 1893, Lenin mudou-se para São Petersburgo e logo ficou conhecido em todos os grupos de esquerda por suas ideias. Krupskaja impressionou-se pois, ele conseguia contemplar a realidade russa como ninguém. (Cf. KRUPSKAJA, 1937, p.14)

Entre 1894 e 1895 as relações entre Krupskaja e Lenin foram se estreitando por conta do movimento operário. Ambos estavam envolvidos no esclarecimento dos proletários. Conseguiram, junto com outros militantes, unir todos os círculos operários na “União de Luta pela Emancipação da Classe Operária”. Estava feita uma parceria que durou até a morte de Lenin.

Distribuindo panfletos ilegais, Krupskaja foi presa em agosto de 1896 pela a *Okbrana* que agia intensamente em sua perseguição aos grupos revolucionários. Ela permaneceu por sete meses na prisão “Pedro e Paulo”, ficando em liberdade vigiada no inverno de 1897-98, quando foi julgada culpada e condenada a uma deportação de três anos na província de Ufá. Krupskaja solicitou e obteve sua transferência para a Sibéria, onde Lenin já cumpria sua sentença, alegando que eram noivos e pretendiam se casar. A transferência foi concedida e contraíram matrimônio assim que ela chegou à Sibéria. A educadora conheceu seu primeiro exílio, que foi dedicado a traduções de livros e publicações de folhetos, seus textos foram assinados com seu pseudônimo: Sáblina. (Cf. KRUPSKAIA, 1937)

Ao final de sua condenação em 1901, iniciou um exílio na Europa, junto com Lenin, participando intensamente da organização de uma social-democracia russa no exterior. Em 1905 após o “domingo sangrento” Krupskaja volta para Rússia e dedica-se a uma atividade revolucionária nos subúrbios. O ano termina com 15 mil mortos, aproximadamente, 20 mil feridos e 70 mil prisioneiros. (Cf. SERGE, 1993)

Entre 1906 e 1907, Krupskaja locomovia-se constantemente entre Rússia e Finlândia. No final de 1907, inicia o segundo período de imigração de sua vida, que durou até a Revolução de 1917, quando pode, enfim, voltar a viver na Rússia. Neste período, Krupskaja aproximou-se do movimento de mulheres, sendo delegada russa na 2ª Conferência Internacional de Mulheres, em Berna, organizada por Clara Zetkin, em março de 1915 - durante a Primeira Grande Guerra. Sua luta maior era pelo desenvolvimento do comunismo, porém para sua completa realização pensar as condições da mulher e buscar seus direitos era parte da defesa comunista. Também neste período teve problemas sérios de saúde, descobrindo-se como portadora da síndrome de Basedown.

Durante o ano de 1917, participou dos congressos e esteve em contato com os/as trabalhadores/as organizando e conscientizando grupos para os acontecimentos de outubro. Em 1918, transfere-se com Lenin para Moscou, a nova capital da Rússia.

Krupskaja integrou o Commissariado Nacional para a Educação – NarKomPros que estava sob responsabilidade de Lunacharski. Também participou da construção das escolas modelos, chamadas de Escolas-Comunas. Ela presidiu a Seção Científico-Pedagógica do NarKomPros, que era a principal na criação de programas escolares para o 1º e 2º graus. (Cf. FREITAS, 2009, pp.12-14)

A educadora dedicou-se a acabar com o analfabetismo no país, visto como um legado *tzarista*. Estabelecimentos para instrução de adultos foram criados, assim como creches e jardins de infância, buscando uma educação diferenciada, que proporcionasse a formação de sujeitos solidários. Participou ativamente do navio de agitação *Krásnaia Svesdá* (Estrela Vermelha) para pronunciar discursos de propaganda do novo governo entre as massas.

Krupskaia após a morte de Lenin continuou fazendo parte dos projetos da União Soviética. A relação com Stalin não era pacífica, desde o período em que Lenin adoeceu até os primeiros anos seguintes a sua morte. A educadora fez parte do grupo de oposição ao governo stalinista até 1928, quando Trotsky é forçado ao exílio e ela decidiu que não queria ficar fora de seu país. Ela participou dos planos quinquenais da União Soviética, continuou seu trabalho político com ênfase na educação até seu falecimento em 26 de fevereiro 1939, um dia depois de completar 70 anos. Os restos mortais da educadora foram cremados e depositados ao lado mausoléu de Lenin, no muro de Kremlin, na Praça Vermelha.

### ***A educação socialista em Krupskaia***

Pensar a educação a partir da perspectiva marxista foi um trabalho realizado por Krupskaia, que acreditava na formação *omnilateral* do sujeito para o desenvolvimento de todas as potencialidades, assim como forma de superação da formação limitada e direcionada pelo capital para um trabalho alienado. Nesta perspectiva, é possível a formação de “homem novo”, formado em uma escola livre em um ambiente de co-educação entre os sexos.

A educação foi uma constante na vida de Krupskaia, esteve presente desde seus primeiros trabalhos profissionais, como professora particular, até sua morte, já como reconhecida educadora comunista por todo o bloco soviético. Através da educação, ela acreditou ser possível a transformação do sujeito e, por consequência, a transformação de toda sociedade, por sujeitos conscientizados. Considerou, concomitantemente, necessárias a apropriação do conhecimento acumulado ao longo dos séculos pela sociedade e a consciência de mundo, que envolve também a consciência de si. (LODI, 2018, p.73)

A escola deve estar em seus conteúdos, organizações e métodos, livre da influência do governo assim como da influência da igreja. No estado burguês, a escola é um instrumento de subjugação intelectual e de adestramento das massas; no socialismo a educação deve ressaltar a formação do sujeito em sua plenitude e não os objetivos de uma classe dominante que vê no direcionamento da educação do trabalhador uma forma de manter controle social.

A escola burguesa, como estava posta em inícios do século XX, mereceu uma análise crítica da educadora, no sentido do seu conteúdo ideológico, que ensinava civismo como sinônimo de defesa da propriedade privada e do regime político existente, deixando bem claro que poderiam propor programas que até satisfizessem as crianças ocupando o seu tempo, porém sem deixar claro o quanto as envenenam com a moral burguesa que deseja simplesmente manter a ordem estabelecida enquanto desmobilizam processos emancipadores. Porém, há outra educação cívica a se oferecer, uma educação que dá vida aos jovens e que permite a formação do espírito de solidariedade de classe proletária fazendo valer o lema “Proletários de todo o mundo, uni-vos” (Cf. KRÚPSKAYA, s.d.)

No Estado burguês – seja uma monarquia ou uma república, não importa -, a escola é instrumento de subjugação intelectual de amplas massas nacionais.

A finalidade da escola em tal Estado não é determinada pelos interesses dos estudantes, mas pelos interesses da classe dominante, isto é, pela burguesia, e os interesses de uns e de outros frequentemente são essencialmente bem diferentes.

O objetivo da escola condiciona toda a organização do trabalho escolar, todo o modo de vida da escola todo o conteúdo de ensino escolar e da educação. Se procedermos de

acordo com os interesses da burguesia, este objetivo vai ser diferente, variando na dependência de para qual segmento da população a educação se destina.

Se a educação se destina às crianças da classe dominante, ela terá o objetivo preparar as pessoas capazes de deleitar-se com a vida e governar. (KRUPSKAYA, 2017, p.65)

Krupskaia debateu o fato de que, na sociedade classista, a educação não é a mesma para o filho do operário, para o filho do pequeno-burguês e para o filho dos proprietários. A divisão de classes mantinha-se no ensino, de forma que, ao filho do operário cabe um ensinamento limitado, ao filho do pequeno-burguês um ensinamento para cargos administrativos e burocráticos, enquanto o filho da elite é preparado para desfrutar da vida e para governar. A escola para o trabalhador era limitada, com uma formação que permitia, basicamente, a leitura de instruções e para inculcar a moral burguesa fazendo dos trabalhadores rebanho manso e fácil de governar. Nas palavras da educadora:

No que diz respeito à escola pública, a burguesia deseja tomar a educação dos filhos dos proletários inteiramente em suas mãos, manter exclusivamente para si a influência sobre a geração mais jovem. Ela torna a escola obrigatória.

A escola pública até recentemente era uma escola de ensino. Ela dava aos estudantes alguns conhecimentos elementares: governar massas alfabetizadas é mais fácil do que lidar com pessoas que não são capazes de ler os regulamentos internos ou ordens do governo (...) A escola lhes dá o conhecimento, mas é um presente de grego, ela fornece conhecimento sob condição de assimilação da ideologia burguesa pelos estudantes. Incute neles que a ordem burguesa atual é estabelecida pelo senhor Deus, ela é a mais inteligente, a melhor, a mais justa. As autoridades que governam são as melhores pessoas, elas devem ser obedecidas sem questionar.

Na escola, cada dia, cada hora, cada minutos, o estudante executa suas atividades em obediência e respeito aos mais velhos. A adoração pelo poder, pela riqueza e pela educação burguesa é ensinada aos estudantes a partir de pouca idade. (...) Em poucas palavras, a tarefa da escola pública é manter estudantes com a moral burguesa, diminuir sua consciência de classe fazer deles um rebanho obediente. (KRUPSKAYA, 2017, p.67-68)

Compreender o contexto social era a melhor forma de educação, por isso a educadora ressaltou a necessidade do conhecimento de toda a história da organização da sociedade do ponto de vista econômico, envolvendo a propriedade, as divisões de classes e formação do Estado, assim como a interferência das concepções religiosas e morais para a perpetuação desse sistema. Além de proporcionar o conhecimento real, evidenciou os benefícios que o comunismo poderia trazer a todos porque, nesse sistema, *a felicidade de uns não se edificará sobre a desgraça de outros*. (Cf. KRUPSKAIA, s.d.)

Na prática Krupskaia ao educar os operários nunca se limitou ao ler e ao escrever como normalmente acontecia em escola para trabalhadores. Antes de seu primeiro exílio teve a escola fechada pelo representante do tzar que percebeu que o ensino estava muito elaborado com conteúdos exclusivos da elite. Tudo isso aliado ao desenvolvimento da consciência política de seus alunos. (Cf. BOBROVSKAIA, 1940)

Para Krupskaia, a educação permite a transformação do sujeito e, por consequência, a transformação de toda sociedade, realizada por sujeitos conscientizados. Considerou, concomitantemente, necessárias a apropriação do conhecimento acumulado pela sociedade e a consciência de mundo, que envolve também a consciência de si. Cabe assim, entender como o mundo foi historicamente organizado, incluindo os mecanismos de injustiças criados pelo próprio homem e qual o papel que os indivíduos e grupos exercem nesse contexto.

A co-educação entre sexos foi debatida por ela desde 1910, quando reforçou que não existia tarefas de meninos e tarefas de meninas assim como não há ensinamento para meninos/homens ou meninas/mulheres. Os ensinamentos devem ser pensados para a humanidade aplicados às necessidades da vida. Krupskaja reforçou que a divisão entre o que era de homem ou de mulher deveria ser vista como uma construção social preconceituosa que depreciava a mulher e somente servia, ao desenvolvimento do desprezo dos homens em relação às mulheres.

Os homens sentindo-se superiores ao ficarem com o trabalho intelectual, deprecavam os trabalhos manuais e repetitivos das mulheres, como se fosse algo natural e não uma construção social. Trabalhar uma educação igual para todos é uma forma de autonomia. Para Krupskaja, esse discurso de “natureza feminina” era o mesmo discurso utilizado para dizer que os escravos estavam destinados “por sua natureza” a serem escravos. Não fazia sentido criar divisões, dessa forma que, ao contrário do que alguns, não se justifica pela natureza e sim por uma construção social. O que fazer para superar isso? Somente uma escola livre poderia auxiliar nesse sentido. (KRÚPSKYA, 1986, p.141 e 142)

A escola livre, que deveria ser materializada pela classe trabalhadora no estabelecimento do socialismo, era vista como a única forma de acabar com a injustiça desenvolvida contra a mulher e seria partidária da co-educação entre os sexos, porque o trabalho conjunto e em iguais condições desenvolve a compreensão intelectual e garante relações de igualdade em homens e mulheres. (KRÚPSKAYA, 1986, p.142)

Não pensando a escola como uma panaceia a todos os males sociais mas, sim, como o meio mais eficaz de se construir novos conceitos que depois refletiriam em todos os campos da sociedade, auxiliando na transformação das consciências e, conseqüentemente, das ações desses indivíduos.

A educação é defendida como elemento necessário a todos, independente de sexo e, principalmente, independente de classe social porque, para além da discussão de sexo, o elemento mais discriminador se dava por parte das questões de classe. Uma menina de classe alta tinha acesso à educação, mesmo que limitada, enquanto o menino das classes desprivilegiadas também estava fora das escolas. Nesse sentido e alicerçada em uma proposta comunista, ela reforçou a necessidade de uma educação como elemento de transformação social.

Era proposta de Krupskaja converter a mentalidade humana, individualista, baseada na competitividade, típica do capitalismo, em uma mentalidade coletivista e colaboracional que deveria vigorar em uma sociedade socialista, como a que estava em construção. Em uma sociedade de classes, a educação desenvolve-se de maneira classista, levando os pais a explorarem até seus próprios filhos para sobreviver em uma sociedade alforriada do capitalismo, “o livre desenvolvimento de cada um será a condição para o desenvolvimento de todos” (KRÚPSKAYA, 1986, p.25).

E isso foi feito. Sem desconsiderar qualquer teoria pedagógica, a educadora faz análises do que poderia ser aproveitado sem ferir os princípios marxistas que escolheu seguir. Para além da escola burguesa e de seus parâmetros, fazia-se fundamental a construção de uma escola igual para todos, garantindo o que as escolas das classes dominantes já possuíam: local adequado com higiene, roupa apropriada, boa

alimentação e ar puro, com o intuito de fortalecer a saúde e a força das novas gerações, independentemente das condições financeiras de seus pais. (Cf. KRÚPSKAYA, 1986, p.52)

Lenin e Krupskaja conjugaram educação e trabalho, proposta que já defendiam no final do século XIX, ao interpretarem o pensamento marxista aplicado à educação e que, no início do governo soviético, Krupskaja faz uma aguda análise sobre o discurso de ensino tecnológico dos países capitalistas e da proposta de educação politécnica – profissional universal – destacando aspectos que muitos não percebiam. Além disso, havia uma preocupação constante em saber se, na prática, a teoria estava funcionando. (Cf. MANACORDA, 2002, p.313-315)

Ao indicar que não desejava repetir os parâmetros burgueses a apropriação de autores que não possuíam como foco central em sua ação as propostas marxistas, possível emprego dessas teorias deve ser contextualizado. Não esperava a revolucionária abrir mão de valores que lhes eram tão caros vinculados a formação de um sujeito coletivo, consciente de seu papel no mundo e apto para agir em uma nova sociedade em formação. A ideia era oferecer métodos de trabalhos diferenciados, era oferecer ao trabalhador algo que até então era acesso restrito de uma pequena elite russa.

No artigo “Contribuição ao tema da escola socialista” de 1918, Krupskaja debate como deveria ser a escola para formar o novo sujeito e inicia falando de cuidados com a saúde, boa alimentação, higiene, roupas adequadas, ar puro e movimentação do corpo. Ela deseja garantir para todas as crianças a escola que a classe dominante tinha acesso, inclusive mudando a escola para o campo no verão. Todos os sentidos dos alunos deveriam ser explorados e a criatividade estimulada. A arte e língua fundamentais para o reconhecimento dos alunos enquanto indivíduos. Aliás, a individualidades de cada criança deveria ser respeitada para não virar um quartel. (KRUPSKAYA, 1986, p. 52 e 53)

Krupskaja, ao pensar o desenvolvimento integral do ser humano, conjugou a proposta socialista com o desenvolvimento de sentidos pela percepção. Assim, a criatividade infantil deveria ser estimulada com vários materiais, mas alerta que as emoções das crianças não deveriam estar muito estimuladas a todo o momento. Eis aí a questão principal: de oferecer a todos o que as classes dominantes já possuíam, sem se distanciar do coletivismo, do trabalho e da emancipação. E as experiências foram realizadas.

Como colocou no Prefácio da educação russa do livro *A Escola-Comuna* de Pistrak:

A tarefa de construção da nova escola foi assumida por muitos pedagogos. A maioria sabia apenas uma coisa: que a escola não deveria parecer-se com a antiga, que nela deveria reinar um espírito completamente diferente, que não podia esmagar a personalidade da criança, como foi esmagada pela escola antiga. Os professores, pioneiros da nova escola, começaram seu difícil trabalho. Era preciso abrir uma picada na floresta virgem, trabalhar por sua conta e risco, observar incansavelmente, buscar, cometer erros e aprender com eles. As condições externas eram extremamente difíceis: miséria material, necessidade de gastar uma quantidade enorme de tempo com trabalhos domésticos e, principalmente, incompreensão total do lado dos mais próximos, até mesmo comunistas. (...)

Recentemente, teve-se que ouvir fortes ataques às escolas experimentais do Comissariado Nacional da Educação, por elas não se conduzirem por um determinado “padrão”, por terem, cada uma, sua fisionomia própria, por não terem programas fortemente estabelecidos. Aqueles que falam isso, claro, não têm a menor compreensão sobre o que é um trabalho experimental. Eles imaginam, provavelmente, que a questão é “pensar” um bom plano, e depois, rígida e firmemente, colocá-lo em prática. O plano, claro, é necessário. Sem ele, seria impossível qualquer tipo de trabalho. No entanto, a questão

está em como realizá-lo. É preciso dar os primeiros passos, depois observar atentamente, tatear o campo para os passos futuros, ver com olhos abertos, não fechar os olhos aos erros, corrigi-los no processo de trabalho, criticamente relacionar-se com seu trabalho e o mais importante: observar, observar, observar. (KRUPSKAYA, *in* PISTRÁK, 2009, pp.106-107)

Colocar em prática uma educação comunista era uma experiência completamente nova e ter claro que, na prática, a teoria não se aplica em condições ideais era fundamental. Sabiam que não queriam a escola antiga, repressora, que esmagava a personalidade da criança. Não almejavam a escola antiga que propagava os ideais burgueses que consistiam em subjugar a classe trabalhadora aos interesses gerais dos dominadores. Marx apresentou alguns preceitos sobre uma educação comunista que deveria ser desenvolvida, mas não deixou livros específicos sobre educação ou propostas metodológicas para desenvolvê-la. O terreno era novo, cheio de pedras que precisavam ser removidas para fazer da terra um espaço fértil, onde se poderia plantar e colher bons frutos.

Krupskaia, com outros educadores, que não desistiu da educação diante das crescentes dificuldades. Buscou aproximar a escola da vida social, da realidade da URSS, considerando a posição da escola basilar na consolidação de uma sociedade mais justa.

### ***Considerações finais***

Krupskaia, educadora e revolucionária, teve grande importância na construção do processo revolucionário russo, com contribuição acentuada no tocante à educação. Mesmo permanecendo anos no exílio trabalhou na formação da socialdemocracia russa e na circulação de periódicos que auxiliavam na conscientização da população de seu país natal.

Suas ideias educacionais conjugaram teorias consideradas avançadas pela Europa na transição do século XIX para o XX com o pensamento marxista-leninista. Seu protagonismo coloca-a como a primeira educadora comunista, que entre erros e acertos, sempre estava proposta a repensar seus textos e suas práticas na busca de novos caminhos para a formação do ‘novo sujeito’ através de preceitos de solidariedade, trabalho, vida coletiva, mas também na união da teoria com a prática.

A preocupação da revolucionária tinha duplo sentido quando se aborda a relação dialética necessária entre a teoria e a prática. Primeiro a escola era concebida a partir de ensinamentos meramente teóricos, o que distanciava as crianças da aprendizagem e da vida real. Com as concepções de uma escola mais prática, para sarar esses problemas de uma aprendizagem extremamente abstrata, a teoria foi cada vez mais abandonada ou usada de forma simplesmente utilitária nas escolas – nesse caso citando a escola estadunidense. A busca estava em conjugar a necessidade da teoria e da prática nos ambientes escolares.

O trabalho socialmente útil é indispensável no ambiente educacional para a formação do “novo homem”, somente pelo trabalho o sujeito pode-se integrar à sociedade. Todavia, é indispensável que este trabalho seja consciente. A criança, o jovem e o adulto devem conhecer perfeitamente o significado e a importância do seu trabalho para sociedade.

O empenho de Krupskaja para estabelecer uma educação consciente, de apropriação do conhecimento geral acumulado pela sociedade por todas as classes e sexos, aliados ao seu espírito investigativo e autocrítico, reafirma, portanto, o seu protagonismo.

### Referências:

- ACHCAR, Gilbert. “A Revolução Russa de 1905”. In: LÖWY, Michel (org.) *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009. (tradução Yuri Martins Fontes)
- BOBROVSKAIA, Tsetsiliia S. *Nadezhda Krúpskaya: 1869-1939*. Moscú: Editorial Progreso, 1940.
- CARRÈRE d'ENCAUSSE, Hélène. *L'URSS de la Révolution à la mort de Staline: 1917-1953*. Paris: Éditions Points, 1993.
- FREITAS, L C de. A luta por uma pedagogia do meio. In: PISTRAC, M. M. *A Escola-Comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KRÚPSKAYA, Nadezhda. *Acerva de La educacion comunista: artículos y discursos*. Moscú: Ediciones em lenguas extranjeras, 19--.
- KRÚPSKAYA, Nadezhda. *La educación laboral e la enseñanza*. Moscú: Editorial Progreso, 1986.
- KRUPSKAIA, N.K. *Lenin (Recuerdos)*. Paris: Ediciones Europa-America, s.d.
- KRUPSKAIA, Nadezhda. *Mi vida com Lenin (1893-1917)*. Santiago de Chile: Ediciones Ercila, 1937.
- KRUPSKAYA, N.K. *A construção da pedagogia socialista*. São Paulo: Expressão popular, 2017
- LENIN, V.I. *Obras escogidas*. Moscú: Progreso, 1961.
- LODI, Samantha. *Nadezhda Krupskaja: um estrela vermelha*. Uberlândia, MG: Navegando publicações, 2018.
- MANACORDA, M. A. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PISTRAC, Moisey M.(org.) *A escola-comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Unesp, 2003. (Coleção revoluções do século XX)
- SCHNEIDER, Graziela (org.). *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- SERGE, Victor. *O ano I da Revolução russa*. São Paulo: Ensaio, 1993.
- TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Faisca, 2007.

### Notas:

<sup>1</sup> Professora nos cursos de Pedagogia e licenciatura em História. Doutora e mestre em Educação na área de Filosofia e História da Educação pela FE - Unicamp. Doutorado sanduíche na Universidade de Rouen - França (CAPES, 99999.002907/2014-03). Licenciada em História (Unifran) e bacharel em Comunicação Social (Unesp). Autora do livro "Krupskaja: uma estrela vermelha" e co-autora do livro "Anália Franco: a educadora e seu tempo". Membro do Coletivo Educacional de Mulheres: Maria Lacerda de Moura. Faculdades Integradas Maria Imaculada (FIMI). Email: samantha1.lodi@gmail.com

<sup>2</sup> O nome em russo é Надежда Константиновна Крупская, buscou-se fazer uma correlação com o alfabeto cirílico para usar uma tradução mais próxima da original e ao mesmo tempo adequada à língua portuguesa, por isso usa-se Nadezhda Konstantínovna Krupskaja, mesmo que eu outras traduções o nome apareça com “y”.

<sup>3</sup> As datas seguem as datas utilizadas pelos russos, de acordo com o calendário juliano até a Revolução de Outubro, e após o gregoriano que já adotado na Europa Ocidental, o gregoriano 13 dias à frente do juliano.